

## **VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: SITUAÇÕES E PERSPECTIVAS PARA UM FUTURO DE PAZ**

*(Violence in schools: Status and prospects for a future of peace)*

**Esp. Eliane Cristina Joencke**

Em Metodologia para o Ensino Fundamental

**Esp. Ilaide Golhke Arens**

Em Ed. Especial Transtornos Globais de desenvolvimento

**Esp. Marilene Polesso Gonçalves**

Em Psicopedagogia

*Fecha de recepción: 01-08- 2015*

*Fecha de aceptación: 22-09- 2015*

Páginas 191- 201

### **Resumo.**

Este artigo tem por objetivo listar situações de violência nas escolas, pois, esta atinge a integridade dos seres humanos nos mais diversos aspectos, tendo raízes na própria história. A metodologia trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva bibliográfica, para o aprofundamento da discussão buscou-se no tema violência nas escolas por ser uma das principais preocupações que a sociedade, dando vivacidade ao tema abordado fez-se o uso da fala de vários autores confrontando e dialogado com a realidade vivenciada com relato de experiência nas escolas. Discussão dos resultados a reflexão sobre a violência escolar, um assunto que se coloca como normal na mídia por estar muito forte no cotidiano da sociedade, sendo que valores como solidariedade, humildade, respeito e tolerância são poucos estimulados nas práticas de convivência social, quer seja na família, na escola, no trabalho ou até mesmo no local de lazer, a inexistência dessas práticas geralmente dá lugar ao egoísmo, a brutalidade e a intolerância. Conclusão levantou-se posicionamentos, quando a escola, se mostra despreparada e ao mesmo tempo precisa administrar os conflitos gerados por diferentes formas de violência e as suas conseqüências, a qual prejudica gravemente o aprendizado dos alunos.

**Palavras-chave:** Violência. Alunos. Escola

### **Abstract.**

This article aims to list situations of violence in schools, because this affects the integrity of human beings in various ways, having roots in the history. The methodology is a qualitative research, descriptive literature, for further discussion sought on the theme violence in schools as one of the main concerns that society, giving liveliness to the issue addressed made the use of talking several authors confronting and dialogued with the reality experienced with reporting experience in schools. Discussion of results reflection on school violence, an issue that arises as normal in the media to be very strong in everyday society, and values such as solidarity, humility, respect and tolerance are few stimulated in the social life practices, either in the family, at school, at work or even on-site leisure, the absence of such practices usually give rise to selfishness, brutality and intolerance. Conclusion

rose positions when the school, shown unprepared and at the same time need to manage the conflicts generated by different forms of violence and its consequences, which seriously undermines student learning.

**Keywords:** Violence. Students. School.

### **Introdução.**

Na atualidade nenhum tema tem merecido tanta atenção como o da violência, a insegurança e o medo têm desestabilizado não só as pessoas, mas famílias, instituições e a sociedade organizada. No sentido de compreender o problema, é necessário listar os tipos de violência, de agressividade. Quais são os fatores que causam a violência? As consequências para aqueles que a compõem além da releitura de algumas bibliografias a respeito do tráfico de drogas, do bullying, danos ao patrimônio e suas influências no meio escolar. Deixaremos aqui algumas sugestões que sob nossa análise podem contribuir para melhorar o ambiente escolar, tornando-o mais atraente e tranquilo.

O assunto "Violência nas escolas" vem aflorando nas escolas olhares de educadores passam a maior parte do seu dia. Essa violência seja de que natureza for, é um fenômeno que se instala de forma acentuada em nossa sociedade, abrangendo o ambiente escolar. Mas chamar todos os comportamentos inadequados ao convívio social de violência tem gerado mais conflito do que solução.

Uma forma simples de distinguir violência de agressividade é que atos de violência ferem o Código Penal (porte de armas, tráfico e uso de drogas, ações contra o patrimônio, etc.); Para Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua (2002), o sujeito agressivo tem atitudes agressivas para se defender e não é considerado como violento, ele apenas possui os padrões de educação contrários as normas de convivência e respeito para com o outro, perpetua um mesmo ideal de uma convivência democrática e solidária no ambiente escolar. Segundo Ortega e Del Rey (2002) [...] em todas as comunidades, qualquer que seja sua cultura, as pessoas têm uma aspiração comum: a busca pela paz, a eliminação definitiva da guerra e da violência, e a luta diária para melhorar a qualidade de vida dos que os rodeiam. Constantemente as escolas precisam administrar os conflitos gerados por diferentes formas de violências, ou seja, nos estabelecimentos de ensino a violência não é vivenciada apenas como atos de agressividade, e sim como o modo habitual e cotidiano de relacionamento, de tratamento de um para com o outro.

É ilusório pensar que a violência esteja concentrada no pátio, nos corredores ou no portão de entrada. Grande parte das experiências de violência, fortemente presente entre os pré-adolescentes é construída debaixo dos olhos dos professores, durante as aulas. Mas podem deixar marcas profundas no indivíduo atingido, auxiliando ou dando força a sentimentos de fraqueza, insegurança ao meio inserido, tanto no ambiente escolar a sociedade na qual o indivíduo convive no seu dia a dia.

Os danos físicos, traumas e o medo interferem no desenvolvimento dos alunos e das pessoas em geral, fazendo com que apresentem dificuldades de concentração nos estudos e se sintam desestimulados a comparecer às aulas, alimentando situações que favorecem o absentismo, a reprovação, a repetência e o abandono escolar, os quais configuram o fracasso escolar. Este aspecto revela que, embora a violência dentro da escola seja influenciada pela realidade social externa, e notadamente pela desigualdade social, é em contato com as dinâmicas e formas de funcionamentos internos à escola que boa parte das condutas de violências é construída, já que, a escola não é o mundo, e sim quem faz a transição da criança entre a família e o mundo.

### **Concepção da violência.**

Vem se percebendo que o educador, a escola e o aluno, não estão entrando em sintonia diante o significado e a razão de se ter a disciplina como aliada no dia a dia, a escola propõe atividades posso dizer ultrapassadas diante o acesso dos alunos a tecnologia e conhecimento social fora do âmbito escolar.

De acordo com Peralva 1997, p. 20 apud Lucinda, 1999, p. 32. A violência entre alunos constrói-se em torno de duas lógicas complementares: de um lado, encenação ritual e lúdica de uma violência verbal e física; de outro, engajamento pessoal em relações de força, vazias de qualquer conteúdo preciso, exceto o de fundar uma percepção do mundo justamente em termos de relações de força. Nos dois casos, o que está em jogo, à construção e a auto reprodução de uma cultura da violência.

Diante a real situação, o professor permeia e se alia a todos os meios para manter o aluno estático e estéril em sala de aula durante as suas aulas com conteúdos programáticos sem fundamentação para os alunos, faz o uso na maioria das vezes do quadro e o livro didático, chegando a implorar e negociar o silêncio com a turma, trocando o mesmo por uma atividade prazerosa em algum momento oportuno, estratégias que possam levar a estabelecer uma relação falsa baseada na troca e na incompetência da comunidade escolar, firmando uma imagem que ficar sentada em uma sala de aula estudando com compromisso é algo negativo e não prazeroso precisando ser compensado com um prêmio prazeroso.

Colombier (1989), no livro "Violência na escola", retrata a opinião normalmente exposta pelo corpo docente da escola. Ou seja, trata-se de entender o fenômeno da violência nas escolas como atos de violência contra as instalações da escola, contra os professores e dos alunos uns contra os outros, apontando os fundamentos socioeconômicos e familiares como causa, numa tentativa de apontar possíveis soluções para o problema.

A disciplina não deve ser considerada apenas e unicamente como o silêncio e a ordem, nem como um "pré-requisito para a ação pedagógica, [mas sim como] um dos produtos ou efeitos do trabalho cotidiano de sala de aula" (Aquino, 1998, p. 202). A didática reinante ainda considera o professor como o único detentor do saber, em

sala de aula. O aluno deve manter-se horas a fio, calado e atento. O professor vai-se habituando a atrapalhar com os "limites do não pode", ao invés de privilegiar Voltando o olhar para o professor: a psicologia e pedagogia caminhando juntas os "limites da possibilidade", não levando em conta que o objetivo do trabalho pedagógico se efetua do aluno enquanto aluno, isto é, o trabalho pedagógico se efetua para fazer com que a figura do estudante desapareça (Chaui apud Boa Segundo Fante (2005, p. 71) vítima típica refere-se ao indivíduo que sofre repetida.

Segundo a teoria de Vygotsky contribui para essa nova visão da criança, atribuindo importância à dimensão social, mediando assim a relação do indivíduo com o mundo. O aprendizado ocorre mediante a inserção do indivíduo em um grupo cultural, promovendo o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (pensamento, percepção, memória, raciocínio e volição). Fante (2005, p. 190) afirma que:

*(...) as crianças são mais propensas a desenvolverem a capacidade de relacionar-se socialmente na idade escolar, na qual o professor estará influenciando o desenvolvimento do caráter da criança, para socializar-se com o grupo escolar. Nesse contexto, podemos perceber que a escola possui um papel fundamental no desenvolvimento do relacionamento social da criança, pois o professor possui o papel do mediador no processo de interação, ao desenvolver a sociabilidade do aluno com o grupo escolar.*

Segundo Abamovay et al.1999) "a desigualdade social é um dos fatores que levam uma pessoa a cometer atos violentos". A situação de carência absoluta tende a embrutecer os indivíduos. Assim, a pobreza seria geradora de personalidades destrutivas. Além de estar numa posição secundária na sociedade e de possuir menos possibilidades de trabalho, estudo e consumo, o indivíduo ainda se sente mal tratado, visto como diferente e inferior. Por esta razão, as percepções que essa tem sobre os jovens endinheirados são muitas vezes violentas e repletas de ódio. Usa da violência para castigar a sociedade que não lhe dá oportunidade (Abamovay et al.1999).

Segundo esta perspectiva, o processo de desenvolvimento é possibilitado pelo aprendizado e acredita-se que a criança inicia a aprendizagem muito antes de freqüentar a escola. Vygotsky (1998) postula a existência de dois níveis de desenvolvimento infantil real e potencial. O nível de desenvolvimento real é a capacidade da criança de realizar atividades independentemente. Dentro do nível de desenvolvimento do potencial deve-se validar a capacidade construída pela criança, quando a mesma consegue realizar decretadas atividades com o auxílio de alguém mais capaz. Diante a esse, a finalidade ou o papel do professor passa interferir no meio, auxiliando em instruções que auxiliem no desempenho de aprendizado no seu grupo de alunos. Os professores devem ter a maturidade de ver seus alunos com um olhar organicista e naturalista, passiva de desenvolvimento, onde cada criança tem seu tempo e suas condições de aprendizagem.

Isso concretiza o olhar dos professores de procurar normalizar os alunos nos padrões igualitários. No dia a dia das escolas, tem se avaliado as crianças no olhar

do nível real efetivo, ao que são capazes de fazer, sem o auxílio de outra pessoa. Diante esta linha de pensamento, as crianças que não acompanharem o ritmo da maioria da turma são consideradas incapazes, taxados de não saber, pelo fato de não estarem preparados como os outros da turma, esta visão ainda paira dentro de nossas escolas, muito forte enraizado. Quando vem se ou tem se, avaliado somente aos resultados que a criança apresenta, deixando de valorizar e considerar o nível de desenvolvimento potencial da mesma.

Segundo (Facci, 1998, p. 28) a teoria "histórico-cultural, quando uma criança não consegue realizar sozinha determinada tarefa, mas o faz com a ajuda de outras pessoas mais experientes", está demonstrando que já contém aspectos e partes mais ou menos desenvolvidas de noções e conceitos. Nessa perspectiva, o papel do professor no processo ensino-aprendizagem. "é muito mais atuante do que apenas uma pessoa que oferece condições, que dá pistas para que o aluno construa por si só o conhecimento, como se este aprendesse independentemente da escola" (Facci, 1998, p.28). Essas visões integram ideais construtivistas e escola novista. Porém, de acordo com a psicologia histórico-cultural, "[...] a grande tarefa do ensino reside em transmitir à criança aquilo que ela não é capaz de aprender por si só" (Duarte, 1998 apud Facci, 1998, p. 28).

Segundo Facci (1998), sentimentos como estes estão presentes em maior ou menor intensidade no corpo docente da atualidade. O Construtivismo e a Escola Nova, enfatizando a possibilidade de o aluno aprender mediante a mínima interferência do professor, associados à excessiva flexíveis currículos escolares proposta por estas abordagens em nome da "autonomia" do aluno têm contribuído significativamente para que o professor se descaracterize da sua função profissional, que é ensinar. Dentre as manifestações de violência que atingem o espaço escolar podemos citar a violência física, doméstica, simbólica, contra o patrimônio, desigualdade social, o tráfico de drogas e o bullying. Como violência física entende-se brigar, bater, matar, suicidar, estuprar, roubar, assaltar, tiroteio, espancar, andar armado, participar das atividades das gangues e também ter guerra com alguém (Abramovay et al.1999).

A violência doméstica é praticada por familiares ou pessoas ligadas diretamente ao convívio diário de quem sofre a violência. Violência simbólica é aquela que a escola exerce sobre o aluno quando o anula da capacidade de pensar e o torna um ser capaz somente de reproduzir. Conforme Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua (2002), a violência simbólica é a mais difícil de ser percebida porque é exercida pela sociedade quando esta não é capaz de encaminhar aos jovens ao mercado de trabalho, quando não lhes oferecem oportunidades para o desenvolvimento da criatividade, quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos ou quando os professores se recusam a proporcionar explicações suficientes, abandonando os estudantes a sua própria sorte, desvalorizando-os com palavras e atitudes de desmerecimento. Mas a violência simbólica também pode ser contra o professor quando este é agredido em seu trabalho pela indiferença e desinteresse do aluno.

Violência contra o patrimônio: É aquela praticada contra a parte física da escola. Quebrar portas, janelas, esvaziar desnecessariamente extintores, furtar bens são alguns exemplos que frequentemente ocorrem nas escolas. O tráfico de drogas: É uma das muitas questões de violência que se coloca para a sociedade e para a escola.

Do ponto de vista da atividade escolar, a droga pode levar ao comprometimento da motivação, da atenção e da capacidade de concentração, recursos que são fundamentais para a realização da aprendizagem, além de interferir fortemente na socialização do aluno, contribuindo, ainda, para fragilizar o espaço escolar.

Na percepção de professores, alunos e corpo técnico pedagógico, o tráfico assusta e tira o sossego porque atua como elemento desorganizador da vida da escola. As formas de ação do tráfico sobre a escola são múltiplas e às vezes contraditórias, algumas exercidas direta e explicitamente, outras com pouca visibilidade e aquelas que acontecem de forma muito indireta. É necessário que a escola discuta, analise juntamente ao grupo de profissionais, os professores a eficácia de perceber o que está em cada situação, pois muitos alunos refletem na escola o que vivenciam fora dela.

Os constantes conflitos na sociedade não é algo novo que acontece apenas em nossa época, ou agora, sempre existiram. Presenciamos situações conflituosas desde o nascimento até a morte é no nosso dia-a-dia está marcado por inúmeras decisões conflitantes.

Segundo, Chrispino e Chrispino (2002) definem o conflito da seguinte maneira; conflito, pois, é parte integrante da vida e da atividade social, quer contemporânea, quer antiga. Ainda no esforço de entendimento do conceito, podemos dizer que o conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações. Percebe-se que não existe aqui a noção estrita de erro e de acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes.

O bullying está incluso e meio a um emaranhado jogo de poder nas nossas escolas que na comunidade vem ocorrendo nas mais diversas situações e contexto, onde as pessoas interajam, tais como escola, faculdade, universidade, família, mas pode ocorrer também no local do trabalho e entre os vizinhos. Apesar da tendência de as escolas não admitirem a ocorrência do bullying entre os seus alunos por desconhecerem o problema ou se negarem a enfrentá-lo, essa é uma prática bem comum caracterizado por ações como: Colocar apelidos ofensivos, humilhar, discriminar, excluir, intimidar, perseguir, assediar, amedrontar, agredir, bater, roubar ou quebrar pertences, entre outras.

Segundo Fante (2005) as consequências relativas ao bullying para as vítimas são inúmeras, dependendo de como recebem as agressões e de como reagem em relação a seus agressores. De acordo com essa autora as consequências para as vítimas são graves e abrangentes, podendo ocasionar desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, queda do rendimento escolar, absentismo e evasão escolar.

O bullying e a indisciplina não acontecem apenas devido a característica individuais de cada aluno, muitas vezes um aluno que individualmente é calmo, transforma-se num bagunceiro quando se junta a determinado grupo ou classe. De acordo com Fonte (2005); compreende o Bullying como:

*Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do "comportamento bullying (Fonte, 2005, p. 28 e 29).*

Ao tratar educação e o seu papel em face ao fenômeno das violências é necessário, antes de tudo, compreender a relação dialética entre educação e sociedade, pois o mundo apresenta-se dinâmico, fruto da evolução humana e tecnológica e do amplo acesso a informações, facilitado pelas mídias. Nesse contexto, a escola se vê obrigada a desenvolver competências, aguçar sensibilidades, desenvolver inteligências, cidadania, socialização, isto é, passa a compreender o ser humano nos seus diversos aspectos; cognitivos, biológicos, emocional e também espiritual, mas como pode se suceder quando a classe dos professores não esta preparada para enfrentar essa realidade que nos afronta diante a sala de aula.

No que tange a educação e ao desenvolvimento humano, família e escola são, sem dúvida, poderosas instituições que interferem na educação das crianças e adolescentes. Atualmente, a família transfere, deposita e exige da escola maiores obrigações na função de educar e a escola nem sempre está apta para atender, pois passa por um processo de transformação e adaptação. Hoje as exigências da profissão professor são muitas, nunca se exigiu tanto do professor e nunca se deu tão pouco a ele, tanto do ponto de vista formação, quanto da remuneração e das condições de trabalho.

As pressões da comunidade e as exigências do próprio papel levam o professor, muitas vezes, a justificar o insucesso das ações educativas, atribuindo à culpa as famílias dos alunos. Atualmente, os professores compartilham as mesmas reclamações, como por exemplo, a influência da mídia no comportamento dos alunos, salas de aulas lotadas, desinteresse dos alunos pelo estudo, o desrespeito dos alunos entre si, a falta de atenção das famílias e a falta de limites dos mesmos diante dos seus atos e de seus colegas e a sociedade que os envolve no dia a dia de suas vidas.

A função da família e o da escola é complementares, diversificados, mas intimamente relacionados, de forma que um espera do outro, determinadas atitudes. Objetivamente, a grande função da escola hoje é humanizar, configurando a possibilidade de reformular as relações sociais, no sentido ético e certamente no enfrentamento das violências nas escolas o professor é apenas um elo, mas um elo

fundamental, que precisa se vir enquanto sujeito capaz de transformar, ou seja, uma pessoa muito importante nas relações escola/aluno.

*As representações sociais, enquanto sistemas de interpretação que regem as relações das pessoas com o mundo e com os outros, orientam e organizam as condutas e comunicações sociais. [...] Nesse sentido, as representações sociais são abordadas ao mesmo tempo como produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade. (Dotta, 2006, p. 25).*

Numerosas pesquisas mostram que o clima de tranquilidade e disciplina na sala de aula favorece o aprendizado e uma escola cujas relações são ameaçadoras ou agressivas contribuirá para uma sociedade mais tensa e violenta. Ao que parece, é necessário e urgente que os professores inovem descubram novas possibilidades de se relacionar com os jovens, cujos comportamentos lhes parecem ameaçadores, no entanto, essa tarefa é de toda a sociedade e não só dos professores.

Segundo Içami Tiba (1996), como em qualquer relacionamento humano, na escola é preciso levar em consideração as características de cada um dos envolvidos: professor, aluno e ambiente, pois a disciplina escolar é um conjunto de regras que deve ser obedecida tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado tenha êxito.

A escola precisa envolver os alunos com atividades diversas, permitindo que estes possam expor suas idéias, desenvolver suas potencialidades sem fugir dos limites que a escola propõe, estes são ingredientes imprescindíveis para um bom relacionamento entre a comunidade escolar.

### **Metodologia.**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva bibliográfica, para o aprofundamento da discussão buscou-se no tema violência nas escolas por ser uma das principais preocupações que a sociedade vivencia. Esta atinge a integridade das pessoas nos mais diversos aspectos do seu desenvolvimento tendo raízes na própria história. Para dar vivacidade ao tema abordado fez-se o uso da fala de vários autores confrontando e dialogado com a realidade vivenciada das escolas. Ressaltando várias causas e por conseqüências a violência escolar, que discorre dentro da atual sociedade.

### **Discussão dos resultados.**

Para que consigamos obter melhores resultados é necessário que o ambiente seja propício: que as salas de aula não sejam superlotadas, bem arejadas e iluminadas, sem mofo, nem muito enfeitadas para que não seja desviada a atenção dos alunos. A escola enquanto instituição deve proporcionar mais recursos para que o professor consiga trabalhar de forma diversificada e atrativa para despertar maior interesse por parte dos alunos.

O ambiente escolar é apresentado segundo o autor Fante (2005, p. 209) como um possível vínculo redutor do fenômeno bullying, pois pode ensinar os alunos a desenvolver com as situações apresentada, despertando o equilíbrio e a superação de lidar com suas emoções, seja em estado de repressão ou agressividade, valorizando a tolerância e a solidariedade entre os alunos.

Faz se necessário e urgente que as escolas sejam atendidas por uma equipe multidisciplinar capacitada para atender os alunos de conduta violenta que foge do alcance pedagógico e que os pais também sejam orientados na resolução do problema.

Sabe-se que algumas dessas sugestões que podem ser desenvolvidas dentro da escola: criação de uma horta, quadra de areia, parquinho, gramado no pátio, pintar as paredes em forma de quadro para que as crianças possam escrever riscar, desenhar, mesas e bancos com jogos diversos distribuídas pelo pátio da escola, brinquedoteca, sala de vídeo e leitura preparada com almofadas e tapetes dentro da realidade dos alunos, algo que possa chamar a atenção dos mesmos, algo atrativo dentro da realidade que os cerca.

O educador tem o dever de educar para a paz, promovendo meios para a boa relação baseada em vínculos afetivos, diálogo e respeito mutuoam, pois não foram os alunos que inventaram a violência, e sim as circunstâncias e ambientes aos quais eles estão submetidos e vinculados de uma forma que favorecem tais ações. Cuidar da educação é investir em princípios de justiça, é chamar a família, a comunidade a apoiar e incentivar as tarefas escolares observando as atitudes dos filhos junto com a escola para que esta se torne um ambiente agradável para todos que dela participam. Inspirados nas palavras de Freire:

Movemo-nos no contexto concreto de nosso trabalho, em que as relações entre a prática e o saber da prática são indicotomizáveis. Mas, mesmo que indicotomizáveis, no contexto prático, concreto, não se atua o tempo todo epistemologicamente curioso.

*Faz-se as coisas, porque temos certos hábitos de fazê-las. Brinda que, assumindo a curiosidade típica de quem busca a razão de ser das coisas mais amiúde do que na situação descrita da experiência na cotidianidade, preponderantemente não o fazemos. O ideal na nossa formação permanente está em que nos convençamos de, e nos preparemos para, o uso mais sistemático de nossa curiosidade epistemológica. (Freire, 2001, p.70).*

A educação, então, vai assumindo um novo papel na sociedade. Vai sendo assumida como um processo de convivência e transformação da maneira de viver na cidade (na escola), em sintonia com o (a) outro (a), reconhecendo o (a) na sua singularidade e diferença; com a dialética da prática e do saber reflexivo e pro ativo sobre a prática nos (re) encontramos como mulheres e como homens, profissionais e cidadãos, refletindo e reconstruindo nosso modo de ser enquanto sentir/pensar/agir (Henz, 2007) na sala de aula e nos diferentes grupos sociais.

Segundo Fante (2005, p. 29) o bullying tem seu peso por vários resultados negativo, no processo de aprendizagem e no relacionamento interpessoal, entre alunos e no próprio desenvolvimento psíquico, devido as suas características, dentre elas: maltratar, causar sofrimento, desestruturar o emocional e acabar com a motivação da criança em relação à vida escolar.

### **Conclusão.**

Cabe aos profissionais da educação assumir um novo perfil diante da situação da qual vem se desenhando e que nos é ofertada no dia a dia na escola.

Pais cada vez mais ocupados e sem tempo, correria familiar, famílias com muitos problemas sociais e financeiros, acaba por gerar um atributo a violência escolar.

Sabe-se que uma responsabilidade enorme esta em nossas mãos desses profissionais, cabendo a escola fazer o possível para porem prática projetos que desenvolva a igualdade gerando uma educação para todos com os mesmos direitos e deveres, construindo valores de forma responsável, consciente e autônoma, frente às diversas situações cotidianas.

Assim sendo, cabe a escola buscar mecanismos para construir um local seguro, tranquilo, agradável para as crianças numa aprendizagem com padrões escolares, a de responsabilidade, atuando como autores da própria aprendizagem, fazendo jus aos ideais, refletindo as contradições enquanto ser inserido na sociedade, apto e responsável pelos seus atos.

### **Referências.**

- Abramovay, Miriam; RUA; Maria das Graças. (2002). *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO.
- Antunes, Celso. (2003). *Relações interpessoais e auto-estima: A sala de aula como um espaço de crescimento integral*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Braido, Pietro. (2004). *Prevenir, não reprimir: O sistema educativo de Dom Bosco*. São Paulo: Editora Salesiana.
- Colombier, Claire; MANGEL, Gilbert; Perdriault, Marguerite. (1989). *A violência na escola*. São Paulo, Ed. Summus.
- Colombier, Claire. (1989). *A violência na escola*. Tradução de Roseana Kligerman Murrayl. São Paulo: Summus.
- Dotta, L. T. T. (2006). *Representações sociais do ser professor*. Campinas, SP: Alínea.

- Fante, Cleo. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2ª edição. Campinas. Editora Versus. 224 p.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 6ªed. RJ: Paz e Terra
- \_\_\_\_\_. (1979). *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire / Paulo Freire; tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- \_\_\_\_\_. (1979). *Pedagogia do Oprimido*. 25ª ed. RJ: Paz e Terra.
- Guimaraes, Áurea Maria. (1984). *Escola e violência: Relações entre vigilância, punição e depredação escolar*. Dissertação de Mestrado em Educação. Campinas, PUC/Campinas.
- Henz, C. I. *Na escola também se aprende a ser gente*. In.: HENZ, C. I; ROSSATO, R. (orgs). Educação Humanizadora na Sociedade Globalizada. Santa Maria: Biblos, 2007.p. 149-166.
- Ortega, Rosário e DEL REY, Rosário. (2002). *Estratégias educativas para a prevenção da violência*. Brasília/DF: UNESCO, UCB (Universidade Católica de Brasília) e Observatório de Violências nas Escolas (UCB).
- Peralva, Angelina (1997). *A generalização da violência como modo de regulação das interações humanas na região metropolitana do Rio de Janeiro: a violência juvenil*. São Paulo, Relatório de Pesquisa/CNPq, impresso.
- Rudio, Franz Vitor. (1983). *Em busca de uma educação para a fraternidade*. São Paulo: Dom Bosco.
- Disponível em: (2005). *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, v. 17 - nº 1, p. 129-137, Jan./Jun.135 ultimo acesso dia 24 de abril de 2015.
- TIBA, Içami. (1996). *Disciplina, limite na medida certa*. São Paulo: Editora Gente. 1ª ed.